

O MENINO DE VÓ

Marcel Ollivê

Vó Zildinha, como é conhecida por todos, sempre foi muito querida pelos familiares e pelas pessoas da pequenina cidade onde mora, Itacodó. Itacodó é um povoado isolado e fica bem próximo à Baía. O local conta com exatos cento e vinte pessoas vivendo em quinze ranchos. A vida é tocada como dá, ora plantando, ora colhendo e ora nem plantando e nem colhendo, porque a seca não deixa. Porém as pequenas reservas suprem com muita dificuldade os períodos de carestia. Para amenizar os sofrimentos, as pessoas aproveitam o máximo das únicas diversões da cidade: as festas populares durante o ano, os poucos bailes de casamento e as brincadeiras nas festinhas de aniversários. Fora isso a vida, no dia a dia, se resume em assistir televisão, ouvir rádios e conversar nas beiradas das casas, durante as tardezinhas. Poucos têm outros privilégios. Vó Zildinha é uma dessas pessoas. Ela tinha um aparelho celular dos mais baratos e com pouco recurso. Nele só dava para fazer ligações, ver a hora, a data, e só. Imagens e transmissão de vídeo, nem pensar. Mesmo porque ela nem sabia explorar direito estes recursos. O sinal era fraco e dependia de uma torre meio improvisada, resultado da reivindicação dos moradores. Já era o segundo aparelho, comprado a perder de vista por sua filha, a mãe de Didinho, seu neto querido, com quem conversava pelo menos três vezes por dia desde que começou a falar. Quando estava faltando dois dias para o aniversário de cinco anos de Didinho, vó Zildinha teve uma grande decepção: seu celular parou de funcionar. Não era o sinal, não era a bateria. Acho que era a idade do aparelho mesmo. E agora? Como vó Zildinha iria falar com Didinho?

O dia passou e ela matutou, matutou até a noite, e encontrou uma solução. Como conhecia todos os moradores de Itacodó, também sabia quem tinha celular. Eram sete pessoas no total: Dona Felícia, Seu Cândido, Silvinha, Fabinho, Maria Cândida, Seu Filomeno e as irmãs Carolina.

No outro dia, logo de manhã, vó Zildinha foi até à casa de Maria Cândida, com quem tinha bastante amizade. Era uma senhora com os quilos bem além do que se costuma considerar como normal. O avental marrom de sujeira, cobria um terço da barriga. Quando chegou lá, cumprimentaram-se, abraçaram-se e entraram para dentro da casa dela. Conversa vai, conversa vem, vó Zildinha perguntou se ela podia emprestar o celular por dez minutos para conversar com o neto. Porém, o que ela não imaginava, aconteceu: o celular de Maria Cândida havia caído no tanque cheio de água e não funcionava mais. O coração de vó Zildinha disparou. No celular de Maria Cândida não foi possível falar com Didinho.

Saindo da casa da amiga, vó Zildinha correu para a casa de Silvinha, uma moça de uns vinte e poucos anos, alta, loira e estudante de agronomia. Ela era a mais próxima dali. Morava do outro lado da rua. Chegando em um minuto, bateu à porta. Silvinha a recebeu e a acomodou no sofá. Como vó Zildinha já estava um tanto desesperada, não perdeu tempo e adiantou o assunto. Disse que estava precisando falar urgente com o neto, mas o celular dela não funciona mais. Explicou que tinha tentado com Maria Cândida, mas o dela também não funcionava mais. Diante da situação, Silvinha ficou aborrecida em ter que dizer à vó Zildinha que o aparelho dela estava sem bateria e que havia encomendado outro e não tinha chegado ainda. Vó Zildinha levou as duas mãos sobre a cabeça, não aguentou e soltou uma lágrima e um suspiro forte. Mesmo assim, agradeceu a moça, e foi em busca do próximo da lista. Agora só faltavam quatro.

Andando depressa, vó Zildinha dirigiu-se para a casa do Seu Filomeno, um senhor com idade bem avançada e meio turrão. Lugar de onde a vizinhança sempre escutava os gritos das brigas que tinha com a esposa. Vó Zildinha aproximou da residência com certo receio mas, como estava muito ansiosa para falar com o neto, não titubeou e logo bateu à porta. Quem saiu para atendê-la foi a esposa, com alguns arranhões no rosto. Logo após se cumprimentarem, vó Zildinha já foi perguntando se Seu Filomeno estava em casa, porque ela precisava usar um pouquinho o celular dele. A mulher deu um berro e logo Seu Filomeno apareceu. Meio intimidada, vó Zildinha explicou a situação e mais uma vez não teve sorte. Não conseguiu falar novamente com Didinho. Usando meias palavras, seu Filomeno deixou bem claro que usou o aparelho para jogar na esposa, durante uma briga, quebrando-o.

Mais próximo do Seu Filomeno, morava Dona Felícia, uma grande amiga de Vó Zildinha. As duas costumavam passear juntas nas tardezinhas pelas trilhas de Itacodó. Uma senhora de cabelos branquinhos, muito faladeira e muito animada. Podia contar com ela para qualquer coisa. Chegando na casa da amiga, as duas se abraçaram e conversaram bastante. Até vó Zildinha já estava meio impaciente. Tentando desviar a conversa, conseguiu falar sobre o que tinha acontecido com seu celular. No mesmo instante Dona Felícia pegou o aparelho e depositou na mão da vó Zildinha. Ela ficou tão contente que ligou imediatamente para o neto. Mas ninguém atendia do outro lado. Ela tentou, tentou, e nada. Esperou mais um tempo e repetiu a chamada por duas, três, quatro, dez, vinte, e nada de novo. A noite já vinha se aproximando e vó Zildinha teve que ir embora, pois o local da casa de Dona Felícia ficava muito escuro depois daquele horário.

Seu Cândido, Fabinho e as irmãs Carolina, moravam mais próximos de vó Zildinha. Quando ela chegou na casa do Seu Cândido, bateu palmas por um bom tempo e nada dele aparecer. Seu Cândido era um homem idoso e costumava dormir cedo. Vó Zildinha

percebendo isso, desistiu, perguntando a si mesma se havia jogado pedra na cruz, e continuou caminhando.

Agora só faltavam três celulares. Foi até Fabinho, um adolescente hiperativo e que tinha acabado de sair com os amigos dizendo para a mãe que não tinha hora pra voltar. Já cabisbaixa, vó Zildinha só tinha mais uma tentativa, as irmãs Carolinas, as gêmeas. Elas gostavam tanto de ficar juntas que só tinham um aparelho de celular. Ao aproximar-se da casa delas, vó Zildinha já sentiu o ar de indiferença, próprio das irmãs e conhecido por todos. Mesmo assim vó Zildinha não desistiu. Chegando bem perto delas, pediu desculpas pelo incômodo e contou sobre o celular e o porquê da necessidade de falar com o netinho. Uma das gêmeas disse que podia falar, mas se somente elas ligassem e segurassem o aparelho. Vó Zildinha concordou na hora. Então passou o número e uma delas ligou, mas dava ocupado. Ligou de novo e continuou ocupado. Depois passou para a irmã, mas nas mais de dez tentativas o número continuava ocupado. A outra convenceu vó Zildinha voltar para casa porque não daria mais para continuar ligando. Não tendo mais nenhum celular para pedir emprestado, vó Zildinha voltou triste para casa e tentou dormir, mas não conseguia. Mais ou menos umas quatro da manhã relaxou e dormiu.

No dia seguinte, um domingo, dia do aniversário do neto, vó Zildinha acordou com uma gritaria. Abriu a janela e não acreditou no que viu: os moradores de Itacodó estavam todos reunidos em frente da sua casa. Dona Felícia, animada como sempre, entrou na casa da amiga e pediu pra ela trocar de roupa rapidamente e seguisse ela e todos os que estavam ali. Não houve tempo nem de vó Zildinha perguntar o que estava acontecendo, teve que sair e seguir o grupo. Quando se deu conta, estava no salão comunitário. Havia uma cadeira reservada para ela bem em frente a uma mesa com um smartphone em cima. Fabinho mexeu no aparelho, passou o dedo umas três vezes na tela e Didinho apareceu em vídeo dizendo:

- Oi vovó!

Vó Zildinha ficou paralisada como uma pedra, pois desde que sua filha teve que ir, grávida, para São Paulo, só conhecia o neto por algumas fotos enviadas pelos correios e através das ligações que fazia todos os dias desde que Didinho começou a falar.

Para tranquilizar, Dona Felícia tomou a palavra e disse que ela foi vítima de uma grande armação. Foi combinado que todos os que tinham celular mentissem para ela sobre os aparelhos. Assim o plano de tirar a bateria do aparelho dela para pensar que tinha estragado e fazer uma vaquinha para comprar um Smartphone para ela e pudesse conhecer o neto e conversar com ele quando quisesse através de vídeo chamada, fosse colocado em prática. Era um plano que estava sendo tramado já faziam dois meses. Com esse esclarecimento vó Zildinha se acalmou e disse gaguejando para Didinho:

Me..., mee..., meu..., meu menino de vó!